



FIM DO EMPREGO NO LEITE

A indústria deve muito a Henry Ford. Há 103 anos, ele criou a linha de montagem automatizada, gerando a produção de veículos em larga escala e a um custo descendente. Isso popularizou o acesso ao carro. Ao ser copiado por outros setores, este processo mudou o nosso jeito de viver, criando a sociedade de consumo. Tudo ficou mais barato.

Durante a Segunda Grande Guerra surgiram ferramentas e conceitos logísticos revolucionários, absorvidos rapidamente pela indústria automobilística, logo após o fim do conflito. As empresas deixaram de ser organizadas em departamentos isolados e surgiu a valorização de processos interdepartamentais como forma de reduzir custos, ganhar agilidade, gerar valor e assegurar entregas em consonância com o desejo do cliente.

Já nos anos 80, novamente a indústria automobilística revolucionou, desta vez, recriando o conceito de empresa. Hoje, a empresa moderna atua articulada com várias outras, tendo uma a coordenar a produção das demais. A Ford já não produz veículos. Ela concebe o projeto do veículo e monta as peças dos fornecedores. Mas interfere em todo o processo, de ponta a ponta, decidindo quem pode ser fornecedor do fornecedor, até o tipo de relacionamento que o revendedor do veículo terá com o cliente.

Porém, a indústria automobilística está em crise. Começamos uma era em que não compraremos produtos, mas serviços. Não teremos, mas usaremos. Nossos netos não terão carro, por opção. Por isso, neste momento, a Ford, a Chevrolet e a Peugeot testam novos modelos de negócio, buscando garantir sobrevivência. Afinal, no futuro próximo elas fornecerão veículos elétricos e sem motoristas para empresas que prestarão o serviço de alocação para os consumidores, ou elas mesmas vão operar a alocação. Estes dois modelos já estão em teste nos EUA e na Europa.

No Brasil, um em cada quatro trabalhadores está desempregado ou subempregado. É um erro pensar que isso se deve somente à recessão. Quando o crescimento voltar, boa parte não encontrará emprego porque o mundo mudou. As universidades formam desempregados, porque em parte o que os alunos aprendem não é o que este novo mundo demanda. Por outro lado, a lógica empregador e empregado está chegando ao fim, por que é o emprego que está no fim.

Num futuro próximo, todos seremos empresas individuais coordenadas por empresas-satélite, coordenadas por empresas-mãe. E o mundo não será melhor ou pior. Será apenas diferente do que o que vivemos

nestes 103 anos de Ford e os arranjos produtivos que o sucederam.

Neste cenário de transformações, pode-se afirmar que a organização da produção de leite apresentou, por sua vez, grandes modificações de "fordismo". Há um século a vaca era força de trabalho e fornecedora de carne e leite. As propriedades objetivavam a autossuficiência alimentar e o excedente de produção era vendido nas cidades.

Este modelo se modificou apenas após o fim da Segunda Grande Guerra, quando começou o intenso processo de urbanização, motivado pelo processo de industrialização. A população das cidades cresceu rapidamente, e foi criada a demanda por compra de leite. É quando se inicia a monetização do leite. O Governo cria uma legislação específica para a comercialização, exigindo a pasteurização.

Neste momento de crise de abastecimento e de criação de um novo mercado, foram as cooperativas que cumpriram o papel de atender à nova demanda. Já as propriedades continuaram multifuncionais, ou seja, produzindo de tudo um pouco. Mas a semente da mudança do processo de organização produtiva foi lançada, pois o leite, e não somente o café, passou a assegurar renda. E, neste caso, renda mensal!

Por isso, São Paulo e Minas Gerais, dois Estados agrícolas antigos, com imensas propriedades familiares, se transformam nos principais produtores de leite. O mesmo não ocorreu na região Nordeste, como em Pernambuco, onde predominava o latifúndio dedicado à monocultura, principalmente a do açúcar.

O modo de organizar a produção de leite mudou apenas após o fim do tabelamento de preços. Portanto, há apenas 26 anos surgiram as propriedades especializadas, que buscam melhorias contínuas de produtividade. No entanto, o setor está em profunda transformação. Estamos saindo da Segunda Revolução Industrial e pulando direto para a Quarta, a da Internet das Coisas, dos dados em nuvem. Neste ambiente, a falta de mão de obra vai ser resolvida rapidamente pela chegada dos sensores e das máquinas que pensam.

Tomar decisão será menos estressante para o produtor, pois as máquinas darão os alertas sobre vaca doente ou a inseminar. Teremos dois tipos de empresa produtora de leite. A de larga escala, em que os empregados serão sócios minoritários na produção, e a da produção familiar, altamente tecnificada, em que o produtor dono ficará a maior parte do tempo à frente de um computador, com painéis fáceis de serem lidos, que monitoram toda a produção e dizem o que tem de ser feito. O emprego no leite está no fim. Dúvida? Viva os próximos cinco anos e veja a transformação. Antes disso, comemore o Natal com a sua família. Boas festas e feliz Natal! ■

Paulo do Carmo Martins é doutor em Economia Aplicada pela Esalq-Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz-USP, chefe geral da Embrapa Gado de Leite e professor da Universidade Federal de Juiz de Fora-MG.

No futuro teremos a fazenda leiteira de larga escala, com empregados como sócios, e a familiar, altamente tecnificada

O POTENCIAL DA RAÇA GIR LEITEIRO, POR TATIANE TETZNER

BALDE BRANCO



11 vezes indicada
como a melhor
revista do
setor leiteiro

Ano 52 - número 626 - dezembro 2016 - R\$ 11,00 - www.baldebranco.com.br

GOIÁS

Para alavancar a produção leiteira no Estado, programa de assistência técnica se volta para pequenos produtores e mostra resultados promissores

**Nanotecnologia:
uma nova arma
contra mastite**

**Novas soluções
para combater a
mosca-dos-estábulo**

**Ações eficazes
na secagem de
vacas leiteiras**